



trindade

Duane Ribeiro



gueto editorial

Trindade

Duane Ribeiro



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Duane Ribeiro, 2020**

Coleção #breves | Livro 19
Selo Gueto Editorial ® 2020

Edição e projeto gráfico
Rodrigo Novaes de Almeida

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro dezoenove

0

Quando terminar, será hora de escrever, e saberei o que escrever. Por enquanto o essencial é empreender uma escuta leve... ouço a primeira personagem: Cachorrinha, você sabe que vivemos uma pandemia? Esses olhos negros não sabem. A segunda disserta, dura: A peste não rouba; a peste devolve. Quem diria que eu poderia parir um messias? A terceira, por fim (mas são mesmo só essas?) questiona: Há magia nisso que faço, seria possível? — e rega a terra e poda a planta, taxidermista da esperança. Populam minha mente, não são espelhos, são anteparos, não são escudos, são batedores. Tenho de falar, a época me impõe ter o que dizer, e quando busco mobilizar a fala, vem essa trindade. Vocês diriam que sou cada um dos três? É certo, têm sobras de mim. E ademais sou o que sobra. O que importa é que ao acompanhá-los eu me levo avante. Você também? Sabe que sim. Venha.

Cachorrinha, você sabe que vivemos uma pandemia? Meu personagem senta-se no sofá, tem o computador no regaço, como eu. A tarde vai caindo, levando consigo a luz. A cadela — uma chihuahua de pelagem cor creme, com detalhes brancos — equilibra-se nas patas traseiras, põe as dianteiras na frente do móvel, pula, pede para subir: gosta de estar junto ao dono, encostada no corpo, segurada no colo. Meu personagem é tão enfeitado quanto qualquer um pelo prazer de se sentir querido, mas um cisco de razão lhe trava. Abandonar a pretensão de colar a minha cara em todas as coisas. Você não é como eu, pequenininha. Você não vem a mim como eu viria a mim se fosse você. Por que você vem a mim?

É por pensamentos assim que ele chega à questão que o fez emergir. Cachorrinha, você sabe que vivemos em uma pandemia? A princípio, me soa como uma brincadeira ou uma poesia pueril, no entanto ele parece ter algo mais complexo na ponta da língua. Estou atento, contudo, talvez precise da sua ajuda para capturá-lo em ato. Ele espalma as mãos, puxa os dedos para si duas vezes, exclama: *vem*. Sabemos que ela entende por que se agita toda. Mas o que você entende? Ele a pega por debaixo das patas dianteiras e a suspende; a chihuahua afasta e enrijece as perninhas, até ser pousada nele. Dedica-se imediatamente à investigação do novo espaço. Cheira aqui, cheira acolá, sobe em todas as coisas.

Um filósofo persa, cachorrinha, demonstrou com lógica rigorosa que não nos era possível compreender qualquer atributo de Deus, por exemplo, a bondade. Engraçado, talvez essa seja uma pequena incoerência desse filósofo, já que ele *conheceu* algo da divindade, isto é, que é sempre excessiva, melhor, exorbitante quanto a nós. Sua bondade não seria nossa; extraordinária em sentido forte, inconcebível em termos humanos, uma “superbondade”. Fico pensando em super-heróis, um para cada sentimento ou prática em Deus. Com capa azul-bebê e túnica branca, Super-Amor corta o céu acompanhado de seu amigo canino, o Super-Perdão! Contra eles, o Diabo, Super-Eu, Super-Nós, e seus comparsas mega-atributos!.

Bobagem, eu sei (ele não parece sincero; gosta da imagem que criou e só a descreve como tolice por recurso retórico). O que é importante guardar disso tudo é essa incapacidade de a gente falar sobre as coisas, no ato mesmo de falar sobre elas. Jogamos montes e montes de palavras e eles afinam, espiralam e desaparecem como

o gênio à boca da lâmpada. Eu acho que é isso o que se passa quando eu jogo a palavra “carinho” na sua direção. É outra coisa, não é, cachorrinha? Eu quero entender, e isso também porque ao compreender essas fronteiras vou me compreender melhor. Meu *carinho* é só meu — feliz ou infelizmente? Não importa: é assim. E dessa forma irreduzível, incontornável, tudo o que é meu.

Cachorrinha, vivemos uma pandemia. Não sei se tenho medo, acho que sim, sinto mais a necessidade do medo. Esse *estar em casa* com a forma do recuo. Você, eu sei, também já teve medo. No outro dia, vinha correndo, bateu a cabeça na porta de vidro da área de serviço. Ganiu alto e fugiu do *nada* que a atingira. Estava assustada, concretamente.

Eu me agachei, estendi as mãos e disse: *vem*. Você primeiro se retraiu, mas depois, *vendo que era eu*, correu para mim. Te segurei contra o peito, você deixou de chorar. *Figura de segurança*. Me deu tamanha alegria ser abrigo eficaz (não é isso o que urge construir em oposição ao vírus?), espaço de trégua (não é isso o que buscamos no horizonte?), milagre da transformação do gesto inútil (sim, inútil!) no gesto total, no exclusivo necessário.

A peste não rouba; a peste devolve. Logo se tornará claro por quê.

Meu personagem fala sem nos virar o rosto; tem a atenção dada ao computador. Já é noite, e a tela é a única fonte de luz neste quarto. A pele dele está coberta de azul-esbranquiçado, as lentes dos óculos brilham. A circunstância nos coroa, a nós, os

ditos “introvertidos”. É hora, aliás, de abandonar essa dicotomia insuficiente, extrovertido/introvertido. A questão não é de direção, não há quem seja voltado para fora e quem seja voltado para dentro. Há repartições, em todos, entre um e outro. Mais, há diferentes valores e estratégias que cada qual aplica ao dentro/fora. Vocês soterram o dentro e alienam tudo que é dele no fora. Eu tenho de lidar eficientemente com o fora enquanto vivo verdadeiramente no dentro.

O mundo que se acaba é o da vida como escape, a hora que vem é a da vida como fundura. Esse binômio, sim, nos serve melhor. Subjetividade como dispersão, cujo ideal é o de um esvaziamento, um oco o qual o sujeito cria em si para depois fugir dele ou buscar enchê-lo com coisas encontradas alhures. E subjetividade como escavação, sucessivo encontrar de riquezas que sempre estão aí, onde o móvel não é a fuga, mas a aventura, sempre com o belo prognóstico do retorno. Os óculos são fatias de luz na plena escuridão. Os cliques no mouse e os toques no teclado recortam o silêncio de maneira irregular e intempestiva. O que tanto ele escreve? Espiemos... começa com *Só me dói não pode ver a minha avó*.

Não procurem pelo “novo normal”. Já encontraram. E o que lhes quero dizer, o que posso provar, é que não será ruim. A peste não pode lhes roubar nada, porque tudo que precisam está dentro. Meu trabalho aqui é engraçado, pois é como se eu me esforçasse para abrir a vocês a porta das suas próprias casas. O que é mais seu, vocês não exploraram. Dormem ao relento, sobre grama e asfalto. A peste não rouba; a peste devolve. *Só me dói não poder ver a minha avó. Será que estou sendo insensível, não deveria ir visitá-la apesar de tudo? Mas não é egoísmo, eu a*

colocaria em perigo com isso... não está claro agora? A peste é o solavanco necessário para que você possa, enfim, descobrir-se fonte de si mesmo.

Quem sabe a evolução tenha feito a gente como eu para esse tipo de circunstância. Talvez ao longo da história duas grandes respostas tenham sido construídas no atrito do humano com as mutações das condições de vida. Disposição para averiguar as planícies, encontrar bicho ou gente para matar, colher frutos, juntar materiais úteis — isso serviu bem em meio a tais e tais circunstantes. Maestria da hibernação, habilidade de não sentir desespero no escuro e úmido da caverna — e nem mesmo sentir a propulsão de atribuir a esses elementos um caráter negativo —, sob outras condições, o saber do isolamento prosperou. Sou herdeiro dessa segunda tradição. Posso ensiná-los a ser sozinhos quando é tudo o que lhes resta.

A ventoinha do computador zumbe alto por trás do seu monólogo. *Sempre soube ser só, mas dela a saudade circula no sangue, se inscreve na carne.*

Há magia nisso que faço, seria possível? Isso foi depois de ter sentado no sofá da sala, só, e chorado, só. Porque a casa não era mais casa. Uma queda, pequenas explosões nas veias do cérebro, e a mulher fora levada pelo filho. Estava mais segura, cercada de gente que podia olhá-la a todo momento, mas centenas de quilômetros de distância de onde viveu por toda a vida. Ele veio, só, com a intenção vaga de cuidar do espaço dela em seu lugar: das suas plantas, do seu quintal, das suas coisas. Ele

pensava que traria felicidade a ela saber que tudo estava sendo mantido. Apostar nisso de todo modo era o que restava.

O ocupante de uma casa administra o tempo. Distribuir o presente a cada um dos espaços é uma das suas funções. Sem o seu pequeno demiurgo, a residência não sustenta tão bem sua unidade; como que fragmentada, defasa-se. Ele abre a geladeira e checa alimento por alimento, com decepção retira aqueles com data de validade vencida. Desperdiçar comida é um pecado. Reserva os itens aceitáveis; pretende levá-los consigo ou doá-los. Agora, o congelador. Estalactites rombudas denotam a pequena ancestralidade desse gelo. Tira da tomada e aguarda. De longe ouve o soçobro dos blocos. Amolecida a resistência, arranca com dedos progressivamente dormentes as crostas no plástico. Ao fim e ao cabo tudo que é sólido se derrama pelo piso da cozinha. Na fruteira, as batatas não estragaram todas. Há algumas com partes empretecidas, molengas e molhadas; as demais parecem perfeitas. Já as cebolas têm um cheiro mais forte do que o usual (ele enfia o nariz no saco de feira lilás e aspira, tentando datar o cheiro; funga uma, duas vezes, no entanto não consegue rastrear o exato estágio em que a vida se encontra, nem, principalmente, qual a correlação mantém com as possibilidades humanas), não obstante, aparentam ser razoáveis. Quando termina esse trabalho, sente ao redor um frescor; às vezes basta encher o vazio de novos vazios.

Atualizar as condições de subsistência é outra das suas funções. Deus fez a existência em um só ato de efeitos duradouros ou sustenta a persistência do mundo recriando-o instante a instante? Se inscrito no âmbito doméstico, o dilema deve

admitir que respondamos ora a primeira alternativa, ora a segunda. Nas plantas do quintal e do jardim essa verdade vem silenciosa. Azaleia, arruda, samambaia, boldo, orquídea, várias outras de que não sei qual é o nome, elas se ressentem em níveis distintos da ausência da dona. Ele pega a chaleira que não é mais de café, que não é mais para nada, e enche de água, e esvazia sobre uma, sobre outra. As folhas amarfanhadas não reagem, mas ele crê ouvir o seu alívio. Por outro lado, a goiabeira é arrogante, pois sua fecundidade é tremenda. Os frutos caem na terra e no azulejo, amontoam-se, apodrecem, chamam moscas. Represente-o um Sísifo a encher saco de lixo após saco de lixo com goiabas brancas e bichadas (não se enxerga de pronto as larvas, mas elas estão lá). Ele se choca ao perceber que nada disso é artificial: a natureza, deixada por si mesma, dá-se sem escrúpulos ao desperdício. Brota e engorda um fiapo de verde, encouraça-se de madeira, horizontaliza-se em galhos grossos, em copa espessa, e produz, produz, produz, para nada, para nada, para nada. Ele sente um pouco de medo do que pode concluir. Aqui, a abundância do que é vivo, em tudo — de tudo —, gargalha.

Foi esquisito... ela ficou feliz? A notícia de que seus antigos domínios estavam sendo bem cuidados foi recebida como algo pescado do fundo do horizonte, trazido bruscamente. Eu cuidei da sua casa. Ela constata... sim, havia uma casa... e essa constatação como que joga novo ar à cena, não ainda a alegria, mas o seu afrouxamento prévio. E enquanto analisava essa questão, ele viu nela sinais de saúde. A lembrança e a linguagem mais à mão, o rosto mais gordo, o sorriso mais fácil.

Nesse momento lhe veio a suspeita: há magia nisso que faço, seria possível? Regenerar a casa parecera implicar na cura da proprietária.

Vocês chegaram juntas, cada qual com sua doutrina. A doença me educou, por exemplo, a lavar as mãos. Sim, eu lavava as mãos antes. Não obstante, agora se trata de outra coisa... “agora” é necessário esfregar bem palmas, costas, dedão, punho. Deixar pelo menos vinte segundos o sabão agir (contemplamos as bolhas manchadas de cor refletindo a luz do teto e a baixa camada de espuma dissolvendo-se). Imaginar a dissolução da camada de gordura do vírus, milhares de criaturas morrendo. Abre a torneira, escorre a chacina ao ralo.

Analogamente, você refez meus movimentos. Tão pequenininha e ágil, gruda nas pernas, corre na frente delas, se sou brusco, se não reparo onde o pé vai indo, te dou um chute ou um pisão. E nisso vem um chorinho dóido... Conter o corpo. Primeiro, a intenção do gesto (ir ao fogão para mexer o refogado, virar-se à bancada para pegar o pote de sal). Segundo, a checagem dos arredores. Enfim, o passo. Perceber-se como agressividade involuntária.

Vocês ambas transformaram a vivência do apartamento. A doença dá a tudo ordens de aduana: separa bem o que é de dentro (cuja segurança foi provada ou é assumida) e o que é de fora (suspeito até segunda ordem). Faz isso com a nossa própria carne, aliás, e somos o que resta no meio termo, gerindo permissões. A subjetividade como oficial de fronteira, recebendo comida magicamente aparecida à

porta, imunizando papelões, plásticos, ferros e epidermes. Sistemáticamente defender-se. E ainda assim não diria que tenho “medo”.

Já você, investigadora e inconsequente, demanda que eu administre perigos que não pode reconhecer por si. Tenta comer tufos de poeira, pedrinhas, brincos, lascas de madeira; eu devo estar pronto a enfiar o dedo na sua boca (checar os cantos e abaixo da língua), extrair o medo de lá. Há todo um novo modo de olhar para o chão agora. Toda uma nova atenção aos móveis baixos e outras coisas que fiquem a seu alcance. Da sua dor, tenho medo.

Sei disso porque três vezes em particular eu senti essa dor. Conteí já sobre uma delas. Em outra, você caiu da cama. Havia achado tão interessante esse local inédito, disparou para lá e para cá, me descuidei e você caiu. Podia certamente ter quebrado algum osso, batido a cabeça: irresponsável, por não cavar no horizonte os riscos para se antepor. Aí também, te segurei contra o peito. Na terceira das vezes, eu subira em uma cadeira para pegar um livro e, ao descer, não cumpri o ritual; para você, o golpe foi violentíssimo. Não se deixava tocar; rosnava, repuxava os cantos da boca, exibia os dentes, mordida lépida.

Te segurei contra o peito. É essa a nossa derradeira arma contra tudo?

Será que se eu contar um pouco de como sou posso formar vocês nessa nova ética? Vale a tentativa, então vamos lá. Vou começar dizendo: vivencio todo dia a seguinte verdade: o trabalho é um parasita. Vocês não sabem imediatamente do que

estou falando quando digo essa frase? Algo vibra aí dentro em resposta, algo que vocês sufocam. (Eis o modelo da libertação: desencavar um incômodo, plantá-lo como uma semente, admirar a flor.)

A realidade é que agora os dias são mais nossos. A pandemia nos protege do assalto diário empreendido pela cidade. É o fim de um mundo em que acordamos, nos aseamos, pomos comida e café pela goela e nos enfeitamos, tudo para estarmos à disposição da degradação em fogo baixo que é atravessar a urbe e servir à subsistência. Ah! O estrondo dos ônibus e a monotonia dos bons dias, boas tardes, tudo bem, e você, eu também — vocês sentem o desafogo de deixar de girar e girar nesse eixo pelo menos por um tempo?

Nunca senti saudade, eu poderia dizer, e seria verdade, escreve enquanto discursa. *Quero expressar com isso que não sou continuamente propulsionado aos outros, as ausências não me doem.* Até mesmo as nossas casas e apartamentos receberam uma nova dignidade. A peste não rouba; a peste devolve: antes, nada mais que pontos minoritários no circuito de localidades imposto pelo cotidiano. A quarentena reformata essa rede. Se nos podemos ver como os fluxos de energia que percorrem esses fios, é evidente que agora não ficamos distribuídos por vários relés, não nos esvaímos nos grandes equipamentos. *O simples fato de que pessoas estão ausentes nem mesmo aparece à minha consciência, não com muita frequência.* Nós nos acumulamos onde escolhemos morar e não morávamos de fato.

(É por procedimentos assim que o fora rouba o dentro que é você.) Os cômodos não têm outra densidade quando passaremos o dia neles? Esses sessenta metros

quadrados são em geral reduzidos ao lugar de se sentar, ao lugar de deitar-se para descansar e sair novamente, ao lugar de lavar-se, urinar, defecar — e nós aceitamos essa miséria. *Quando algo mental, aleatório, me informa delas considero a sua falta e, sim, emergem emoções.* O lugar em que escolhemos viver, feito mero ponto de passagem! *Exceto nessas ocasiões, sou focado no espetáculo ou na tarefa à frente.* Eis uma outra dicotomia para vocês: o resto da vida é o que se passava entre essas paredes; o sumo da vida vocês vendiam barato. A peste nos protege minimamente. Vocês têm uma chance única de ver o que eu sempre vi.

Percebo que há duas formas distintas de erupção. Que tal? Não foi esse um bom primeiro passo? Quero agora que você olhe ao redor, repare nos seus móveis, no seu piso, nas suas paredes. Quero que se levante e ande pelos corredores, entre nos quartos, abra as janelas. Quanta vida você dedicou a isso tudo que é tão seu? *Na primeira delas, a pessoa ressurgue, e é dos descansos e aprendizados que ela me provê que realmente sinto falta.* Depois de realizado esse exercício, poderemos plantar ainda outra flor do incômodo. *Na segunda, a reaparição da pessoa é a lembrança de que certo mundo só existe quando ela está.* E ela consiste em uma verdade tão simples quanto a anterior: a sociabilidade é um parasita.

O que está em cima é como o que está abaixo, diz a lei hermética da correspondência. As mudanças no microcosmo que é esta casa, portanto, são

mudanças no macrocosmo que é a sua dona. Seria possível salvá-la por completo, restituí-la à saúde? Quero crer que sim.

Retorna à casa com o nascer do dia. Observa cada dever de limpeza pelo seu sinal oculto. Baratas de barriga para cima na cozinha e no box do banheiro, com que se harmonizam? Aranhas de ventre bojudo, bolinhas cor de vinho com patas, infestam o armário; qual seu equivalente no corpo da mulher? Ele varre os insetos, desfaz as teias, avalia os alimentos. Farinha de trigo, leite condensado, achocolatado em pó, macarrão — os nomes inspiram logo o possível prazer —, todos com a validade vencida. É uma tristeza. Quando deposita o saco de lixo repleto à frente da casa, percebe que é como se reafirmasse que ali há vida. No outro nível, ele tem fé, a “fraqueza nas pernas” evanesce, a rede dos músculos agora se re-energiza, a possibilidade de pôr o pé no chão volta, insossa desse jeito tão bom.

O jardim apresenta outras problemáticas. De partida, e de novo, os excessos da goiabeira. Acha uma serra enferrujada (ilhas laranja de contornos bordô no cinza-claro) e decepa os galhos que se alongam para além dos portões brancos e sujos. É um trabalho lento, faz doer os braços, e conforme casca, miolo e seiva cedem ele sofre por acreditar poder ouvir os gritos da árvore. Que mais da natureza precisa ser posto no seu lugar? As trepadeiras. Cipós grossos, fortes, elásticos, serpentearam por anos pelas grades. Ele retalha as plantas criminosas com um facão de carne, arranca os caules restantes violentamente.

Agora a roseira. Alguns dos pés estão marrom-escuros, mortos. Ele os remove, raspa com o facão os espinhos cegos e fragilizados, quebra-os em pedaços, para que

caibam no saco de lixo. Quando o faz, descobre que o que matou a vida foi a vida: no interior dos galhos, há um formigueiro; o rasgo na madeira deixa à descoberto vários pequenos ovos brancos, meio translúcidos. As formigas se desesperam: correm para pegar os filhotes e levá-los à segurança. Em menos de três minutos não há mais nada para ver ali. Os pés restantes são saudáveis, porém extensos demais. No seu caso, não é tão fácil driblar os espinhos: esses são mais resistentes à poda, mais numerosos e mais afiados. Conforme ele desenrosca as hastes, fere-se frequentemente. Arranhões nos braços e nas mãos, picadas nos dedos, ele limpa o sangue na roupa e prossegue. Após rachar os amputados para jogá-los fora, nota como suas palmas estão maceradas. Sob água e sabão doem múltiplas feridas invisíveis.

Cansado, satisfeito, ele ouve ou quer ouvir um rumor. Onde? Olha ao redor. Onde? Vem debaixo. Fica de joelhos. Vem do fundo. Encosta a orelha no piso. E escuta: o coração da casa pulsa. No colo do meio-dia meu personagem vibra em harmonia com as batidas desse tambor tremendo. O que está dentro é como o que está fora, eis o que enuncia a lei.

Eu poderia interpelá-la, esse seu oposto, como fiz contigo: doença, você sabe que existo? Essa cápsula proteica não sabe. (Ele imita a minha frase. Sabe que estou aqui?) Explorar como é o mundo para o patógeno seria primeiro esquecer nossos corpos; para esses micro-organismos, não existem essas unidades. Sua vida é decidida em contatos localizados em outro nível. Sacolas plásticas, camisetas,

paralelepípedos são *superfícies* negativas, sobre as quais o perecimento apenas se demora. Já as mucosas dos olhos, das narinas, da boca, essas sim, *superfícies* positivas, aberturas à chance de ser por mais tempo e ser em maior número. O vírus compreende só: há quando *desdobrar-se* e há quando *esperar*.

Essa seria então uma super-indiferença ou uma super-idoneidade. Eu sabia! Vejam como ele tinha planos retóricos maiores para aquela perguntinha. Aqui isso se denuncia: é Deus, vocês percebem sem dificuldade, quem ele reencontra no vírus. Ou super-brutalidade. Ou super-pragmatismo. Nós atiramos a palavra “guerra”, o esquadro “vitória/derrota”, sobre a naturalidade; será que podemos aprender a respirar o seu silêncio condensado?

E será que mirar esses olhos negros pode me guiar nesse aprendizado? O que você vê em mim, pequenininha? Não é “humano”, não é “dono”. Para atingir quais sejam os conceitos a operar em ti, é preciso ser humilde e acompanhar o passo-a-passo da sua existência. Eu suspeito, por exemplo, o que significa *olhar* para um cão. Significa procura por recursos, determinação do território, postura desafiante ao outro possivelmente hostil. Sendo assim, o que é que se passa quando você me olha, calma? Abstém-se dessas linhas de força, sou o que não exige investigar e o que não exige ação. Sou negatividade: local de descanso.

Se está sentado à mesa da sala e a vê empinar-se apoiada nas suas pernas, ele sabe que o que ela quer é subir (a linguagem de ambos, recém-nascida, já tem palavras muito claras). O homem a levanta e lhe dá pouso; ela, ato contínuo, se enrodilha no colo (daí para frente será preciso ampará-la com uma mão e digitar com

a outra). Se o dono a sobe para junto de si no sofá, primeiro ela cheira todo o móvel, depois se enfia debaixo de um braço (gosta de adormecer com o focinho entocado). As pálpebras pesam, pesam, ela expira o ar com um barulhinho agudo e fofo, pega enfim no sono. Por vezes, ele a assiste sonhar.

Que coisa, gosto que durma em mim. Por que será? É um jeito de ser objeto, menos ainda que um coadjuvante. Ele a tem contra o peito, uma mão sustentando a bundinha, outro no torso, por segurança. Estão na varanda; ele não tanto observa o panorama da cidade como quer dar a ela a oportunidade de que o observe. Menos ainda que objeto: suporte, circunstante. Gosto de ser nada, poderia ser esse o caso? Não sei como a Deus não cansa ser tudo. Vem comigo ser nada, meu Deus. Liberte-se do cabo de força, existe, não existe, você sempre foi precisamente um tal desfocamento, enfim desapareça de vista. Tenho um truquezinho para começar a fazer isso que você pode usar: basta saltar no trampolim de uma pergunta. Questiona como quem prende o peito: Jesus, você sabe que vivemos uma pandemia?

Esses olhos de pôr-do-sol não sabem, não é, menina? Céu paulistano, cuja poluição recua por causa da crise — esse é o tipo de bênção paradoxal que podemos ter. Acomodada no seu tórax (não é derradeira nem é arma, mas é muito), a chihuahua está tranquila; mastiga com volúpia os seus dedos. Ela adora isso: desde que chegou, maltrata suas mãos: aperta unhas entre os molares, deixa feridinhas quando os caninos vêm potentes, risca como que com caneta vermelha curtas linhas no antebraço. Armamos uma boa dialética: você gosta de morder, gosto de me deixar morder... dói? Sim... mas “dor” dá mesmo conta disso?

Vocês não sabem imediatamente o que estou dizendo quando digo isso? A sociabilidade é dependência e capitalização, pulsões do fora. “Eu preciso conversar com alguém”, vocês dizem. Enfatizam o *conversar*, e com isso escondem o *preciso*. Vamos lá, como se forma essa necessidade? Vocês nunca conversaram, vocês só satisfizeram essa carência (e o que seria realmente conversar, hein?). “Eu preciso espairer, preciso sair, preciso ver coisas diferentes, preciso, preciso, preciso.” Aí está a falha. Já eu — eu não preciso de nada.

Você mente! Eu sei o que te obseda: posso ler o que escreve. *Esse é o caso da minha avó. Não só sua imagem explode mais forte e frequente como seu estar presente demonstra o incomparável do mundo-em-que-estou e do mundo-com-ela.* Eu os vejo agitados, querem dizer que todos necessitam coisas, que eu não sou diferente etc. Primeiro: isso é o sintoma da incapacidade de aceitar que se pode ser diferente do que vocês são. Segundo: é óbvio que tenho insuficiências. O que me distingue é que não sou arrastado por elas.

Da última vez, sentei-me à beira da cama e mantive a sua mão entre as minhas. Só queria estar ali. A quarentena me tira exatamente isso: estar ali. A sociabilidade — voltemos a ela — é um esquema de microgestão. Consiste em esterilizar o dentro de cada qual, impor a todos um fora genérico. Vocês já estiveram juntos mesmo? A doença desfez todos esses instrumentos de poder. Os anticorpos

que tivemos de cultivar — gestos, posturas, tons de voz —, doravante inúteis. Vocês, assim recuados, podem finalmente ter posse da vida.

Não tinha o costume de fazer ligações em vídeo, mas eu quero vê-la. E quando vejo o seu rosto se iluminar ao me ver é como se tivesse recebido uma dádiva. Inventei um pequeno ritual: a cada telefonema, tiro um print da tela. Por exemplo, a mim me basta conversar pelos chats. Já me mata a saudade. E por que não? Estamos falando, não tenho dificuldade de extrair sentimentos das palavras (como a literatura, como isto aqui seria possível se a gente não conseguisse fazê-lo?) — não falta nada. O resto é fetiche.

A galeria do celular vai assim acumulando uma série de fotos quase idênticas: a cabeça deitada no travesseiro, os cabelos brancos e castanhos bagunçados, um cansaço. Pensei várias vezes se não teria sido melhor que você não passasse por isso. Você mesma dizia: não quero ficar em cima de uma cama... vocês tendem a ouvir isso e acusar: frio, egoísta, insensível. Ora, a natureza criou a “frieza”, o “egoísmo”, a “insensibilidade” por algum motivo. E não é como me distancio o que importa, mas como me aproximo de mim.

Apesar de tudo te vejo ainda contente... tranquila... e enquanto houver esse foguinho vou desejar que a sua vida se prolongue. Sabe, tenho lembrado frequentemente de um verso — “coração do meu céu, por favor, seja feliz”. Gosto de várias coisas nele, isso de que eu tenha um céu, isso de que você lhe dê vida. Mas o crucial é o “por favor”. Esse pedido ou essa prece denota: Preciso da sua felicidade.

A questão é reconhecer que, para o bem e para o mal, somos integralidades. Integrais, devemos ir ao mundo e aos outros.

“Preciso” está do lado de um dos sujeitos. E o ser feliz está do lado do outro. Só que há necessariamente o respeito pelo precisar próprio à primeira parcela: é ele que determina a felicidade da segunda. Sou sujeito! Tenho desejos! Mas sou objeto: aguardo que fique tudo bem. Você, objeto dos meus planos, é sujeito: me alimenta por estar alimentado. Um objeto/objeto? Sujeito/sujeito? Uma cobra que morde a própria cauda. Nossa chance de transcendência é aprender isto: a liberdade é saber sonhar em uníssono.

Eufórico, demente, o mago se deixa dissolver nesse ritmo profundo como quem se entrega ao mar. O simples fato de ter dado atenção às batidas parece tê-las dado mais força. Cada pancada faz tremer toda a edificação, e, logo, ainda mais potentes, descolam as linhas dos volumes, as cores das texturas, os acidentes revoam em torno das substâncias, só a mente do homem mantém a identidade, porém, não por muito tempo — torna-se também pulso entre pulso, mancha pequena que se espraia e retrai, se espraia e retrai, assim como muitas outras por toda a imensidão branca, no entanto não segundo o mesmo compasso, a vida é essa pulverização, o apocalipse ou o evangelho virá quando algo for capaz de parar tudo de modo a que possamos começar juntos, algo que diga: um, dois, três... quatro.

Abre os olhos, a orelha ainda colada no chão. Tudo cessou: não ouve mais o coração, mas sabe que ele está lá. Ergue-se, passa as mãos sobre as roupas à guisa de limpá-las, observa os arredores como que à procura de algo; checa as paredes, o teto, o chão, enfim senta-se no sofá — lá onde o vimos pela primeira vez — nos mira bem nos olhos e diz:

Eu pude ouvi-los quando estive lá embaixo. O menino e a cadela. O rapaz no computador. *Você* — quem é você? (Como? Isso é sequer possível?) Ou *o que* é você? Sua fala penetra a dos outros dois, e talvez você se misture nos meus pensamentos também. O que é você? (Estou assustado; não tenho nada a dizer a ele, eu que falava por meio dele.) Eu... eu criei vocês todos. Você é uma espécie de deus? Não, muito menos do que isso. O que significa que eu sou muito menos do que penso ser também? Sim. Isso te entristece? Não sei, acho que não. Entristece aos outros dois? Talvez entristecesse, eles não são mais... cumpriram seus discursos. Interessante. Isso sugere que não me resta muito tempo também. Pode ser verdade. Por outro lado, não é muito ou pouco tempo. Será o tempo exato do discurso.

Meu personagem fica com a cabeça baixa por um momento, então se põe de pé. Respira fundo, ajeita vassouras e pá, deixa as luzes do quarto e da sala acesas para afastar ladrões que não tenham muita força de vontade, sobe o caminho até a saída com o peso de quem sabe que esse já foi um lugar mais feliz, tranca o portão atrás de si, parte sem se despedir, não há ninguém de quem se despedir. Esses sentimentos são todos seus e você os projeta em mim? Mais ou menos. Você não é nada além dessa projeção. Quanto aos sentimentos, bem, o ponto é que eles têm uma

elasticidade... creio que você nasceu dela, feito os outros. Ele segue caminhando e sente como eu que as ruas não são mais as mesmas. Há um bafo de subversão ou uma queixa de insensibilidade no ato de andar por elas. Há o desencaixe desse percurso do antigo eixo da alegria de visitar semanalmente uma pessoa querida.

Você também gosta desse brilho no asfalto que só o sol do horário em que voltamos faz? Sim, eu também. Você também gosta de na vinda colher as pitangas borrifadas de fuligem das árvores na calçada? Sim, de juntar várias na concha da mão, comer andando, sentir o doce e o azedo. Somos tão parecidos... (sinto o seu sarcasmo com um amargor). Também sabe que isso tudo é magia? Aí já não. É para esse tipo de aprendizado que fiz você. Bem, então aprenda: é magia. Nunca se sabe o que define se não houver ninguém para reparar nessa cor amarela nem ninguém para pegar essas frutinhas. O irreparável é muito simples — entende? O irreparável é simples demais. Quero entender. Vou entender.

Ele chega à sua casa, faz a ligação. O sinal toca. Não percebo em você a mesma fé sobre a magia. Sim. Não acredito em nada disso. O sinal toca. Se você não crê e se eu sou uma criatura sua, então ela não vai se recuperar. O que vem é decepção. (Titubeio; sei que não planejei nada, estou me deixando levar...) O sinal toca. Bom, se for o caso, será que você não pode mudar de ideia, deixar pra lá isso de ensinar uma lição áspera? Sinto necessidade de um final feliz. Tudo bem. Posso fazer isso. O sinal toca. Um final feliz.

Cessam. Não dizem mais nada através de mim. Protegeram-me da escuta que acossa e se foram. É hora de começar, não tenho mais como fugir. Como começar?

Às vezes o que a gente precisa é deixar o assunto trabalhar sozinho, sem que a cabeça lhe importune. Por isso, largo o editor de texto, o dicionário de sinônimos, as canções no fone de ouvido, o carinho na barrigudinha, a ruminação das memórias — e desço para comprar pão. Ao descer, não me recosto contra o espelho (sinto falta desse microcostume), aperto o botão do térreo com a unha. Afasto portas com o pé. Adiante, a rua não é a mesma. Há um bafo de subversão ou uma acusação de negligência simplesmente no ato de andar por ela. Minha rota é curtinha, eu me justifico... na padaria/mercadinho, os compradores se mantêm dois bons passos de distância um dos outros. É o recomendado, mas de repente fica evidente que mesmo dos desconhecidos éramos indiferentemente mais próximos. No caixa, a mulher se protege atrás de uma lâmina de plástico. Ela não me entrega a máquina; a suspende no ar para que eu encaixe o cartão. É mais difícil sem o toque.

Pão quentinho (olha que não há mais metafísica no mundo senão pão quentinho). De volta ao prédio, pergunto a quem espera à frente dos elevadores se prefere subir sozinho. Talvez não deva fazer isso? É como se meus vizinhos fossem bruscamente lembrados que deviam se sentir em perigo. Um deles falou contundente: “Não! Pode subir! Problema nenhum!”. Outra comentou, acrescentando ao fim um riso protocolar: “Pode vir, tá tossindo? Problema é se tá tossindo!”. Não me recosto no espelho — sinto falta dessa pequenez da forma de descansar o corpo — aperto o botão do andar com a unha. Abro a porta, lavo as mãos por tempo suficiente.

Café fresco (olha que não há mais metafísica no mundo que café fresco), a manteiga que derrete. Creio na mágica que atua subjacente enquanto como e bebo e não penso em nada. Quando terminar, será hora de escrever, e saberei o que escrever.

Duane Ribeiro é jornalista, escritor e pesquisador em Ciência da Informação e Filosofia. Em Jornalismo, formou-se pela Universidade Santa Cecília (Unisantia). É mestre em Ciência da Informação — com a dissertação “A Criatividade do Excesso – Historicidade, Conceito e Produtividade da Sobrecarga de Informação” —, bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo e especializado em Gestão de Projetos Culturais pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc), ligado à USP. Publicou em 2019, pela Editora Patuá, o romance *As esferas do dragão*. É analista de comunicação para o Itaú Cultural e editor da revista Úrsula. Mantém o blog duanneribeiro.info.



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversiones, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo